

RESULTADO

PESQUISA CAFEEIRA

Safra de 2020/21



CNA

Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CAFÉ POINT

Pesquisa Safra Cafeeira 2020/21

1. Sobre os dados coletados

A Pesquisa Safra Cafeeira 2020/21, foi realizada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Portal CaféPoint. As respostas foram coletadas *on-line*, por meio de aplicação de questionário digital, com início no dia 1º de outubro, em comemoração ao Dia Internacional do café, e encerramento no dia 19 de dezembro. A CNA e o CaféPoint promoveram ampla divulgação da pesquisa na mídia especializada e redes sociais, alcançando 321 cafeicultores.

Quanto às espécies cultivadas, 93% das respostas vieram de produtores de café arábica (*Coffea arabica*) e 7% de produtores de café conilon (*Coffea canephora*).

Juntos, os respondentes somam 25.025,17 hectares de café em produção, que representa 1,5% da área com café no Brasil.

Com relação aos Estados representados na pesquisa, 76% são produtores em Minas Gerais, 10% em São Paulo, 6,2% no Espírito Santo, 3,1% em Rondônia, 2,5% na Bahia, 1,6% no Paraná e 0,9% na soma dos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e Distrito Federal (Figura 1).

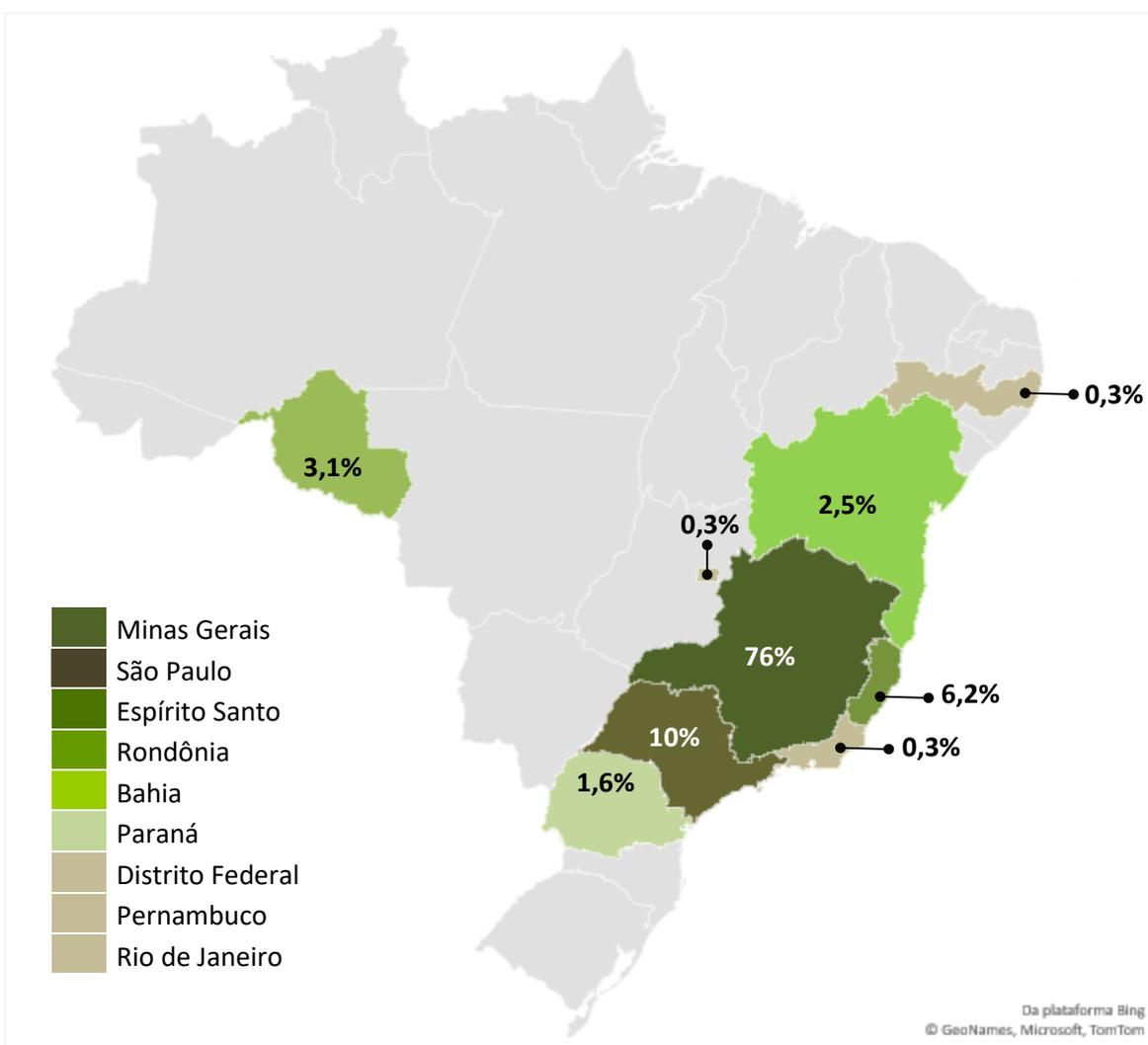


Figura 1: Estados que tiveram produtores participando da pesquisa de opinião Safra Cafeeira 2020/21.

2. Perfil fundiário

As informações coletadas confirmam a contribuição das pequenas e médias propriedades para a cafeicultura. Com base nas respostas é possível verificar que 65% dos produtores respondentes possuem propriedades com menos de cinquenta hectares, sendo que 47% têm propriedades com menos de vinte hectares. Propriedades entre 51 e 100 hectares correspondem a 16%, entre 101 e 250 hectares 14% da amostra e apenas 5% correspondem a propriedades com mais de duzentos e cinquenta hectares (Figura 2).

Vale destacar que devido ao tamanho da amostra, as informações não devem ser utilizadas como informações oficiais para representação da distribuição fundiária da cafeicultura brasileira. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – que é a fonte oficial de informação – os dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), o perfil fundiário da cafeicultura brasileira é representado por pequenas propriedades rurais. A maioria dos estabelecimentos (69%) possuem área entre 1 e 20 hectares, sendo que 85% dos estabelecimentos com café possuem área inferior a 50 hectares (IBGE,2017).

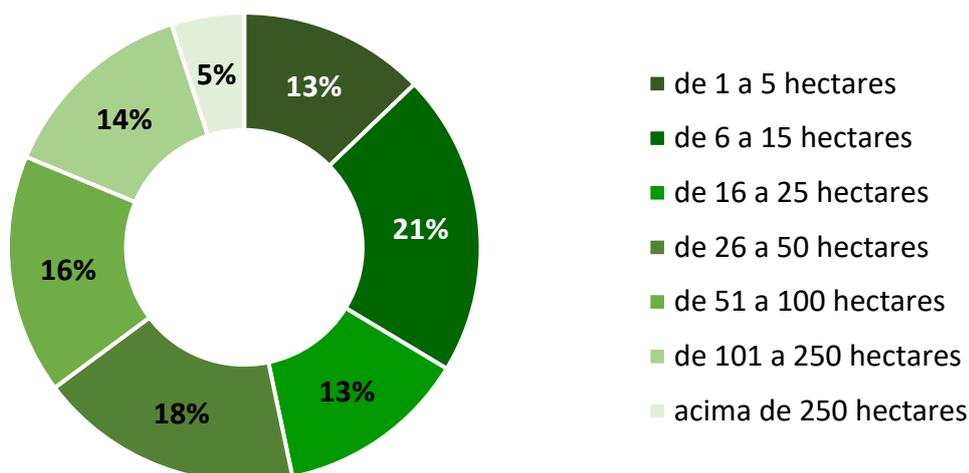


Figura 2: Perfil fundiário das propriedades de café, cujos proprietários participaram da Pesquisa Safra Cafeeira 2020/21. Distribuição do tamanho das propriedades em faixas (hectares).

3. Tecnologia de Produção, Colheita e Pós-Colheita

3.1 Irrigação dos Cafezais

Quanto ao emprego de tecnologias de produção, a pesquisa inquiriu aos participantes quanto ao uso da Irrigação e quais os principais sistemas de irrigação empregados. O percentual de utilização de sistemas de irrigação, considerando-se as espécies *Coffea arabica* e *Coffea canéfora* em conjunto, indica uma baixa adoção aos sistemas de irrigação em que 83% dos produtores responderam que não utilizam irrigação em suas lavouras (Figura 3).

Esta baixa adesão às tecnologias de irrigação reflete uma realidade da produção brasileira de café arábica e a maior participação de produtores desta espécie na Pesquisa safra Cafeeira de

2020. Ao analisar a utilização da irrigação apenas para produtores de café robusta/conilon, 92% dos produtores responderam fazer uso de irrigação.

Na produção do café arábica, a prática da irrigação passa a ser superior em propriedades acima de cinquenta e um hectares. Em propriedades de 51 a 100 hectares, 19% dos produtores de arábica indicaram o uso de irrigação. Já nas propriedades acima de 250 hectares, este percentual foi de 38% entre os produtores de arábica que utilizam irrigação.

Quanto ao sistema de irrigação mais utilizado, predomina o sistema de irrigação por gotejamento, sendo indicado por 77% dos produtores que fazem uso de irrigação. O sistema de aspersão corresponde a 8% e pivô central 7%. Outros sistemas não especificados foram indicados por 8% dos produtores.

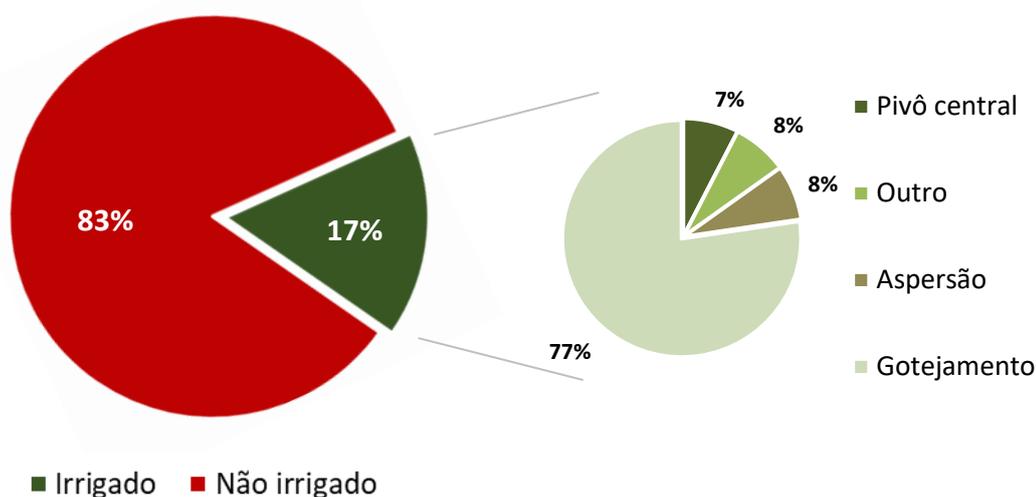


Figura 3. Uso de irrigação e principais sistemas utilizados pelos participantes da pesquisa Safra Cafeeira 2020/21.

3.2 Métodos de colheita

A tecnologia de colheita apontada pelos respondentes foi condizente com perfil fundiário dos participantes da pesquisa. Nas pequenas propriedades, mesmo que em boas condições topográficas, a mecanização da colheita pode ser inviável financeiramente, devido ao alto investimento necessário para compra desses equipamentos. Já para as grandes propriedades, o alto custo com a mão de obra na colheita pode onerar significativamente os custos de produção, reduzindo as margens do produtor e justificando o investimento em maquinários para colheita.

Com isso, os métodos manuais de colheita foram responsáveis por 50% das respostas, redução de 25 pontos percentuais em comparação com pesquisa realizada em 2019, em que os métodos de colheita manual corresponderam a 75% nas propriedades participantes. A derrça manual com ausência de equipamentos foi apontada como a principal forma de colheita por 24% dos produtores, seguida pela colheita manual utilizando-se de derrçadora, e colheita manual seletiva, com 22% e 4%, respectivamente. A colheita mecanizada foi apontada como principal método de colheita em 50% das respostas (Figura 4).

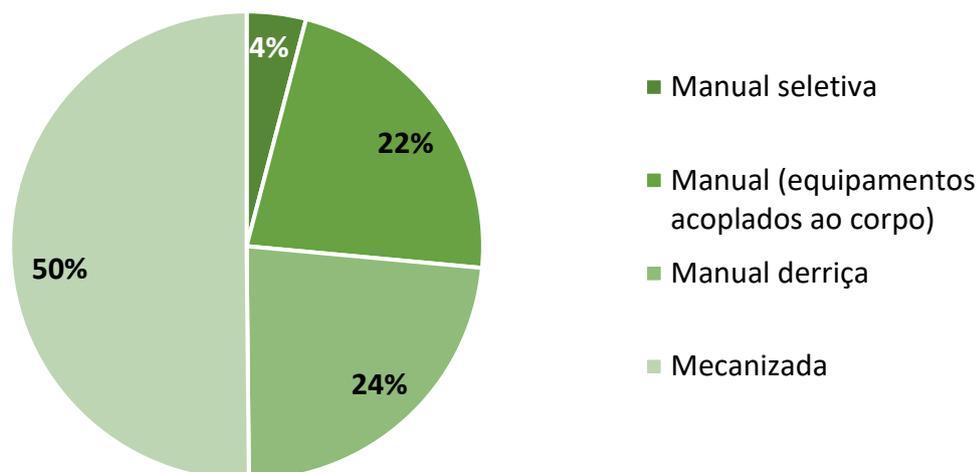


Figura 4. Métodos de colheita que foram utilizados na colheita de 2020 e apontados pelos produtores nas respostas durante a pesquisa.

A colheita mecanizada foi predominante nas propriedades acima de 25 hectares, representando o principal método de colheita em 59% das propriedades de 26 a 50 hectares. No entanto, mesmo em propriedades menores, o percentual de áreas colhidas mecanicamente ainda foi significativo. Apontaram a colheita mecanizada como o principal método, 25% das propriedades entre 6 e 15 hectares e 38% das propriedades em 15 a 25 hectares.

O aumento no percentual de propriedades que adotam a colheita mecanizada, foi influenciado pelas regiões com maior participação nas respostas desta edição da Pesquisa Safra Cafeeira. Os municípios mineiros das regiões de Varginha, Lavras e Patrocínio representam 33% do total de respostas e, devido as condições de relevo favoráveis a mecanização, a colheita mecanizada é reconhecidamente o método predominante nestas regiões.

Outro aspecto que tem influenciado o aumento das áreas com colheita mecanizada, é a popularização do aluguel de colhedoras em regiões produtoras tradicionais, não havendo a necessidade de que o produtor imobilize capital com a aquisição do equipamento. Outro fator que pode justificar o maior percentual de colheita mecanizada, na safra de 2020, foi o temor dos produtores de que as medidas de distanciamento social - em decorrência da pandemia do novo coronavírus - pudessem prejudicar o andamento da colheita manual. De acordo com dados divulgados pela *Reuters*, a venda de colhedoras de café cresceu 30% em 2020 no período que antecede a safra em relação a 2019 (*Reuters* 2020).

3.3 Pós colheita

Quanto às tecnologias de pós-colheita e secagem, elas são condizentes com a tradição brasileira na produção de café natural. O método de pós-colheita natural foi indicado com predominante em 87% das propriedades, cereja descascado e cereja descascado com fermentação em taques corresponderam por 12% e 1% das respostas, respectivamente (Figura 5).

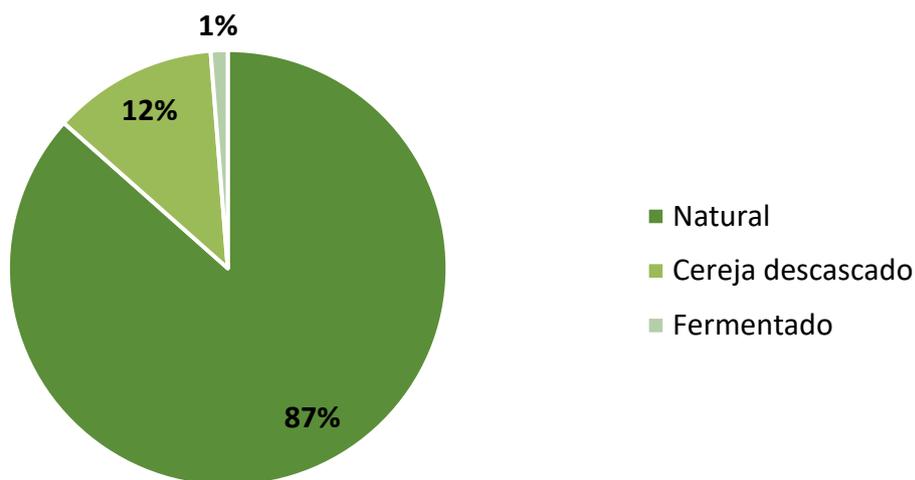


Figura 5: Métodos de Pós-colheita (via seca e húmida) utilizados na colheita de 2020 e apontados nas respostas durante a pesquisa.

4. Influência da pandemia do novo coronavírus na colheita de 2020 e impacto da seca no potencial produtivo da safra 2021.

De acordo com os dados divulgados pela Conab a produção brasileira foi de 63,1 milhões de sacas para a safra 2020, superando o recorde histórico alcançado em 2018. Uma safra mais volumosa, já esperada como consequência da bienalidade positiva, trouxe preocupação ao setor produtivo quando a disponibilidade de mão de obra para a colheita, podendo ser influenciada pelas medidas preventivas contra a propagação da Covid-19.

Quanto ao impacto da pandemia na disponibilidade de mão de obra para a colheita de café, 31% dos produtores responderam que a mão de obra para colheita foi afetada de alguma forma (Figura. 6).

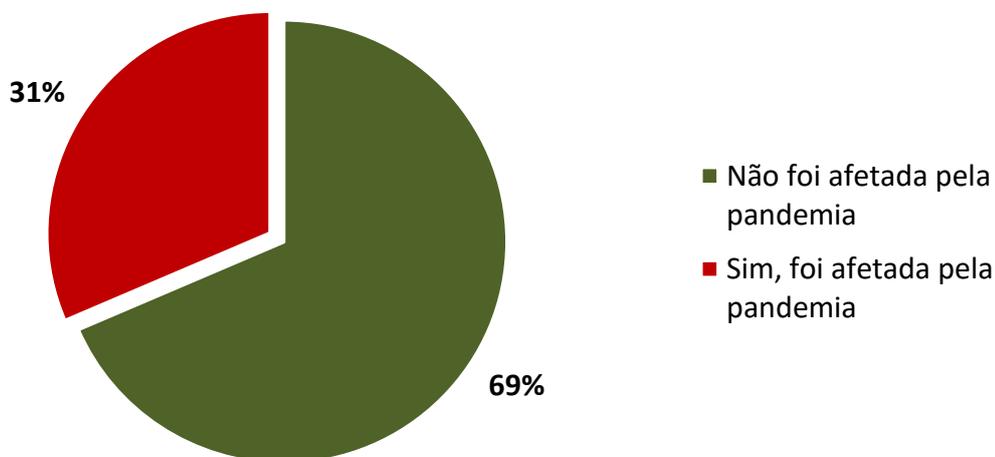


Figura 6: Influência da pandemia do novo coronavírus na disponibilidade de mão de obra para a colheita de café em 2020.

A Pesquisa Safra não questionou os produtores sobre detalhes da influência da pandemia na disponibilidade de mão de obra para colheita. No entanto, através do acompanhamento do setor e dados do Projeto Campo Futuro realizado pela CNA há indicativo de que, em algumas regiões com maior dependência de mão de obra migrante, a disponibilidade de trabalhadores safristas foi reduzida, resultando em um consequente aumento do valor pago pela medida de café colhido.

Os produtores também foram questionados sobre a ocorrência e severidade de déficit hídrico em suas lavouras. A ocorrência de déficit hídrico foi mencionada por 89% dos respondentes, sendo que 77% indicaram que a severidade do déficit hídrico comprometeu a produção da próxima safra que será colhida em 2021. As informações encontram-se disponíveis na Figura 7.

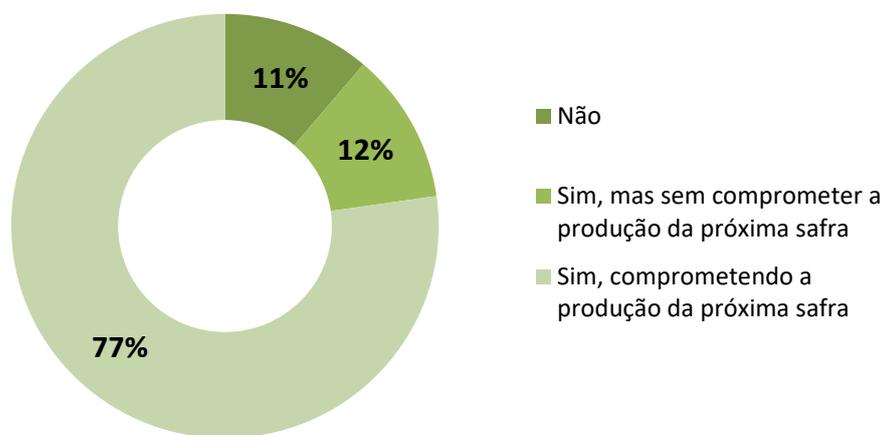


Figura 7: Apontamento pelos respondentes de ocorrência de déficit hídrico na safra 2020

5. Comercialização e Gestão de Risco

5.1 Comercialização

Quanto à forma de comercialização, as pessoas foram questionadas sobre a realização ou não da venda futura da produção. Com base nas informações, foi possível observar que 53% dos respondentes não realizam a venda futura da produção de nenhuma natureza. Isso indica que esses produtores comercializam no momento da colheita, ou fazem a armazenagem na propriedade e/ou cooperativas para a posterior comercialização no mercado físico. Dos 47% que afirmam realizar a venda futura, 32% a realizam com as cooperativas, 10% fazem uso de outras formas de venda futura como corretoras e 5% celebram, por si só, contratos no mercado de valores (Figura 8).

Esse cenário é preocupante no que se refere à gestão de risco. Ao considerar as oscilações cíclicas, sazonais e voláteis do preço no mercado internacional, a comercialização futura é um mecanismo importante para gestão de risco e garantia da renda e deve ser considerada como parte da estratégia de comercialização.



Figura 8: Descrição da realização ou não de venda futura da produção.

Quanto aos motivos para não realizar a venda futura, do universo de produtores que responderam não utilizar desta ferramenta de comercialização, 35% entendem que os riscos da venda futura são elevados, 9% disseram que não sabem como fazer venda futura e 7% não comercializam sua produção de forma antecipada por não haver cooperativas que trabalhem com essa ferramenta próximo a sua propriedade. Outros motivos foram indicados por 49% dos produtores que não aderiram à venda futura para a safra que será colhida em 2021 (Figura 9).

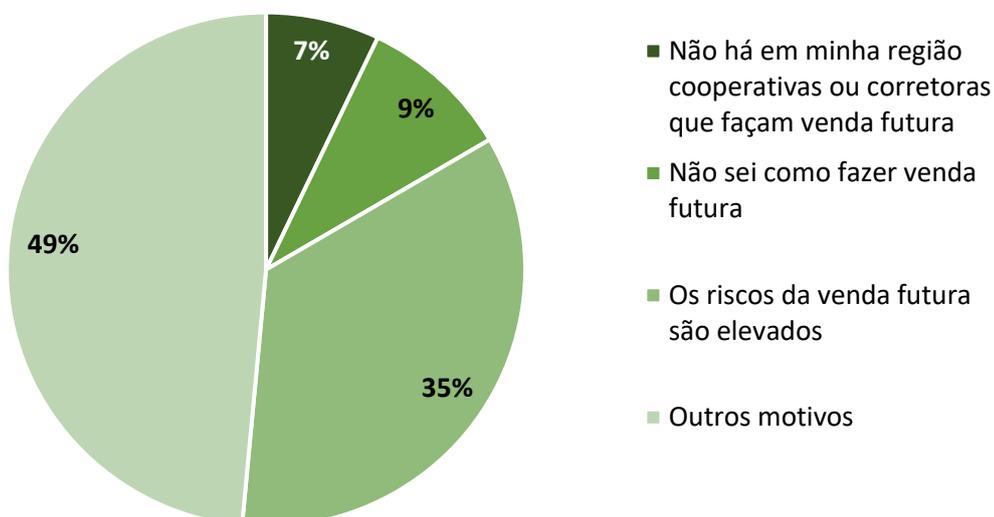


Figura 9: Motivos indicados para não realização de Venda Futura.

Os dados da pesquisa apontam que há correlação entre o percentual de adesão a venda futura e o tamanho das propriedades. A não adesão a esta ferramenta de comercialização é maior em propriedades com área inferior a 50 hectares, chegando a 95% entre os produtores com 1 a 5

hectares. Já para propriedades com área superior a 100 hectares, a realização da venda futura é uma realidade para 86% dos produtores.

5.2 Uso do seguro rural

Quanto à contratação de Seguro rural, os produtores também foram questionados sobre a contratação ou não e, em caso de negativa, os motivos para não contratarem seguro. Dos produtores participantes da Pesquisa Safra Cafeeira, 70% responderam que não contratam seguro rural. Quando perguntados pelos motivos da não contratação, dos produtores que disseram não realizar a contratação do Seguro Rural, 26% alegaram não saber como o seguro rural funciona. Problemas com os produtos de seguro rural foram apontados como motivos para a não contratação por 54% dos produtores, estes problemas seriam; preço elevado do seguro (24%), riscos cobertos não atendem (17%), nível de cobertura inadequado (13%). Outros motivos não elencados foram indicados por 20% dos produtores que não contratam seguro rural (figura 10).

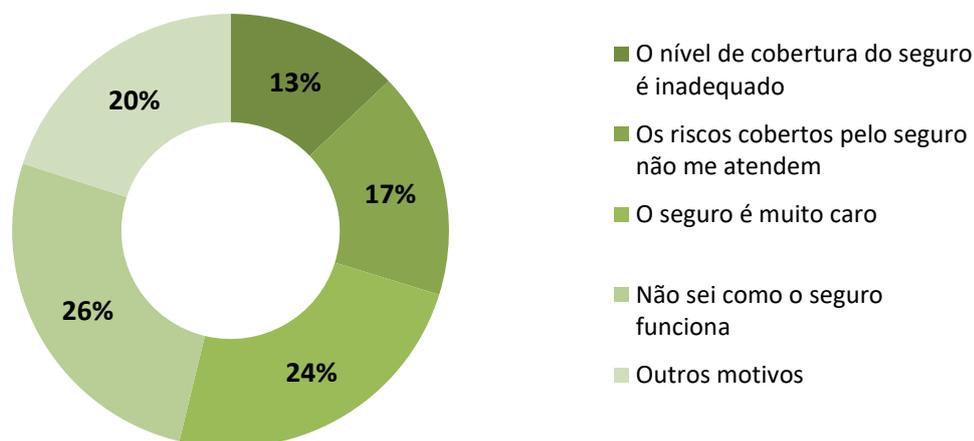


Figura 10: Motivos indicados para não contratação do seguro rural.

A baixa adesão do setor à contratação de Seguro Rural também é preocupante no que se refere à gestão de risco da atividade. Ao considerar a ocorrência cada vez mais frequente de eventos climáticos externos, o Seguro Rural é uma importante ferramenta na gestão de riscos climáticos e econômicos. Produtores sem nenhum tipo de cobertura para eventos não previstos e não gerenciáveis, como são os eventos climáticos, terão que arcar com recursos próprios eventuais frustrações de safras ou até mesmo morte de plantas produtivas.

Também foi observado uma correlação entre o tamanho das propriedades e a contratação de Seguro Rural. O percentual de propriedades que não contratam seguro é maior que a média geral em propriedades com área inferior a 25 hectares. Sendo que 93% dos produtores com área até 5 hectares responderam não realizar contratos de seguro. Apenas para o perfil fundiário de 101 a 250 hectares, o percentual de produtores que contrata seguro foi superior ao percentual que não contrata, com 57% dos produtores afirmando que fazem contratação de Seguro.



CNA

Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil



CAFÉ POINT

www.cnabradi.org.br

www.cafepoint.com